

## Meu Lugar na UFRGS

### Uma trajetória pioneira

“Pode entrar, é no final do corredor.” Assim Geni de Sales Dornelles nos convida para conhecer o Centro de Estudos e Pesquisas em Administração (CEPA). No terceiro andar da Escola de Administração, chegamos a um corredor comprido com diversas salas, o que pode até confundir quem ali chega pela primeira vez, mas que Geni demonstra conhecer muito bem. Mesmo aposentada, a professora revela que não abandonou o CEPA e está sempre disposta a atender ex-alunos e ex-colegas, com quem mantém uma boa relação – inclusive segue participando das tradicionais festas de Natal do setor.

Quem transita pela Escola de Administração entre as salas de aula e a biblioteca pode não notar a sucessão de portas no terceiro andar, onde está o Centro, que se divide em diferentes repartições: a direção, a secretaria e, bem ao fundo, a sala de reuniões, com mapas de algumas cidades do estado nas paredes, logo acima dos computadores. É o lugar com que Geni se mostra familiarizada e no qual conta sobre os projetos realizados.

Durante seis anos foi diretora de toda a Escola e, por isso, relembra a rotina de coordenar pesquisas em diversos setores – públicos e privados. Ela afirma que o CEPA, que completou 60 anos em julho, é uma espécie de “célula mater, o lugar onde começou a Administração”, pois o curso foi criado em 1962 e, no Rio Grande do Sul, houve a participação direta do órgão na sua criação. Em questão de pioneirismo, Geni revela uma lista de trabalhos realizados pelo Centro: ela foi a primeira pessoa que coordenou uma pesquisa de opinião eleitoral no estado e também realizou pesquisa por telefone, já que o órgão foi contratado pela então Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT).

Naquela época, o CEPA se localizava na Faculdade de Ciências Econômicas, no Câmpus Centro. Sorri ao lembrar que faziam muitas coisas em um

pequeno espaço no quarto andar do prédio. Quando a Escola de Administração mudou-se para sede própria, no final dos anos 1990, Geni já tinha se aposentado à época da mudança, mas, como ela mesma conta: “Eu não consigo parar de trabalhar, nunca me desliguei totalmente daqui”.

Natural de Bento Gonçalves, Geni conta que a UFRGS era sua única chance de ingressar em uma universidade. Passou no vestibular em 1969 e em setembro daquele mesmo ano entrou para o Centro de Estudos e Pesquisa em Administração como entrevistadora. “Apareceu a oportunidade de fazer um estágio no CEPA, e um colega me avisou. Fiz a entrevista e passei em primeiro lugar. O Centro foi o espaço de trabalho que me acolheu quando eu cheguei em Porto Alegre”, lembra.

Confessa que somente quando entrou no CEPA é que foi aprender sobre metodologia da pesquisa científica, e por isso defende a academia e os centros de pesquisa. Segundo ela, é nesses espaços que está a ponta do pensamento. “As pessoas que passam por aqui andam pelas melhores universidades do mundo.”

“Minha vida no CEPA foi sempre o trabalho com projetos e pesquisas. Os projetos passavam, as pesquisas eram concluídas, equipes novas eram montadas. Muita gente passou por aqui”, recorda com um sorriso de orgulho. Quando perguntada sobre sua relação com o órgão, responde de pronto: “Minha trajetória na UFRGS foi quase toda no CEPA”. Geni também revela que se realizou profissionalmente dentro da academia e ressalta a importância dos espaços de pesquisa, de se aproximar o conhecimento acadêmico da comunidade: “Acho que todas as pessoas deveriam passar pela universidade”, enfatiza.

**Karoline Costa,**  
estudante do 4.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS



Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

## Perfil

# Espírito solidário

### Júlia Machado Formada em Medicina, ela atende comunidades indígenas

Desde o início deste ano, Júlia atende comunidades indígenas Mbyá Guarani em cinco municípios: Osório, Maquiné, Terra de Areia, Torres, Caraá e Riozinho. Formada em 2017, ingressou em Medicina na UFRGS em 2011, mas, diferente de muitos colegas, ela não acalentava o sonho de ser médica desde criança. Tampouco tinha entrado em contato com indígenas antes de conquistar a vaga na Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), no programa Mais Médicos, amplamente conhecido pela atuação de médicos cubanos até o final do ano passado. Sempre gostou de estudar e, durante o ensino básico, por pertencer à família de religião luterana, estudou no colégio da Ulbra de Canoas e, posteriormente, no Colégio Unificado.

No ciclo básico do curso, Júlia Dauernheimer Machado se envolveu em diversos projetos de pesquisa, já que esse é o período mais teórico da graduação. Não importava muito a linha de pesquisa, ela estava envolvida. Só que, nos anos finais da graduação, começou a entrar em conflito com a escolha. É que, de certa forma, não se sentia pronta para a clínica e a prática da medicina e pensou em mudar de curso. Para dar um tempo e refletir sobre isso, em 2014, foi estudar na Holanda pelo programa Ciências Sem Fronteiras. Apesar de ter gostado da experiência, Júlia se deu conta de que era muito mais brasileira do que podia imaginar. “Me despertou a vontade de voltar para o Brasil; percebi que meu lugar é aqui. Quando voltei, decidi encarar a prática e aplicar meu conhecimento para atender os pacientes da melhor forma possível.”

Diferentemente de alguns colegas, Júlia não quis pensar imediatamente em residência médica após a formatura, mas cogita iniciar a formação em Saúde da Família no futuro. “Estava um pouco cansada de tanta academia, quero aproveitar a prática, porque estou aprendendo muito e também estou conseguindo cuidar melhor de mim.” Pelo menos duas vezes na semana, ela pratica yoga pela manhã e natação depois do



FERNANDA DA COSTA/JU

expediente, algo que ela não conseguia fazer durante a graduação.

O atendimento a comunidades indígenas, salienta, tem lhe proporcionado diversos aprendizados. Júlia conta que, antes de trabalhar com os Mbyá Guarani, não imaginava que no Rio Grande do Sul existiam pessoas que não falam, ou que falam pouco, o português. “Temos uma ideia muito errada das populações indígenas.” Um dos maiores desafios, para ela, é transpor as barreiras do idioma. Por outro lado, um dos momentos mais mágicos da profissão é sentar com eles e tomar um chimarrão. “Você só aprende as especificidades das populações com a conversa.”

A falta de atenção no curso de medicina justamente com as populações mais vulneráveis e marginalizadas é algo que incomoda a jovem. “Fico chocada que não estudamos com profundidade os que mais precisam da saúde pública. Por exemplo, os indígenas são magros; você não precisa, no geral, ficar pedindo exame para diabetes. Precisamos levar em conta o que eles precisam, e isso só estou aprendendo na prática!”

Com forte espírito coletivista – uma das suas últimas leituras foi a escritora e feminista negra Angela Davis –, Júlia ainda pretende se unir a grupos políticos organizados, porque acredita que, além de ser feminista e vegetariana, é preciso também atuar em

conjunto com seus pares e, assim, enfrentar as dificuldades e desigualdades do país. “Sempre faço leituras sobre assuntos que acho que não domino e raramente leio algo para relaxar; isso pode até ser um problema”, diz em tom de brincadeira.

Para ela, a medicina é mais do que ganhar dinheiro. “Acho que podemos retribuir ao menos um pouco trabalhando no SUS, já que tivemos uma formação gratuita. O dinheiro não pode ser o único objetivo. Vejo muita gente querendo ser anestesista porque dá dinheiro, mas há tantos anestesistas... Quais especialidades a sociedade está precisando?”, questiona. Fora do trabalho, que ocupa boa parte de seu tempo, Júlia gosta de passar um período com a família. Costuma ir a eventos artísticos e culturais com a mãe e adora um show ao vivo. Com a voz mansa, conta que os aprendizados da fase que está vivendo vão muito além do tratamento de doenças. Foi numa de suas viagens diárias entre os municípios do litoral que conheceu Caraá. “É lindo! Provavelmente não conheceria sem esse trabalho. Estou sempre vendo paisagens maravilhosas e aprendendo sobre as culturas dos povos nativos.”

**Bárbara Lima,**  
estudante do 8.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS